

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
CHARLTON HESTON, UMA PRESENÇA ÉPICA
1 e 20 de setembro de 2023

PLANET OF THE APES / 1968

(O Homem que Veio do Futuro)

um filme de Franklin J. Schaffner

Realização: Franklin J. Schaffner / **Argumento:** Michael Wilson e Rod Serling, baseado no romance *La Planète des Singes* de Pierre Boulle / **Direcção de Fotografia:** Leon Shamroy / **Direcção Artística:** William J. Creber e Jack Martin Smith / **Cenários:** Norman Rochett e Walter M. Scott / **Guarda-Roupa:** Morton Haack / **Maquilhagem:** John Chambers / **Efeitos Especiais:** L.B. Abbott, Art Cruickshank e Emil Kosa Jr. / **Música:** Jerry Goldsmith / **Som:** David Dockenforf e Herman Lewis / **Montagem:** Hugh S. Fowler / **Interpretação:** Charlton Heston (George Taylor), Roddy McDowall (Cornelius), Kim Hunter (Zira), Maurice Evans (Dr. Zaius), James Whitmore (presidente da assembleia), James Daly (Honorius), Linda Harrison (Nova), Robert Gunner (Landon), Lou Wagner (Lucius), Woodrow Parfrey (Maximus), etc.

Produção: 20th Century Fox / **Produtor:** Arthur P. Jacobs / **Produtor Associado:** Mort Abrahams / **Cópia:** 35mm, colorida, legendada em espanhol e eletronicamente em português, 112 minutos / **Estreia em Portugal:** Tivoli, a 6 de Maio de 1968.

A sessão de dia 1 tem lugar na Esplanada e decorre com intervalo de 15 minutos

Este celeberrimo **Planet of the Apes** tornou-se um filme de culto, e é uma obra que tem muitos e acérrimos defensores. Curiosamente, esse culto e essa defesa parecem ter vindo a acentuar-se com o passar dos anos, talvez à medida que a dimensão parabólica do filme de Schaffner se foi tornando mais clara e mais concisa – e eventualmente mais preocupante. Recorde-se que, no que pode servir para uma confirmação do estatuto “mítico” alcançado pelo filme, **Planet of the Apes** foi alvo de um “remake” (bastante diferente) realizado por Tim Burton em 2001. A recepção ao “remake” esteve longe de ser consensual, e entre as vozes que se levantaram contra o filme de Burton não faltou a acusação de que o filme de Schaffner era “traído”. É evidente que contra cultos não há argumentos, mas o filme de Burton é um filme que se autonomiza da sua matriz, desloca-se para áreas não tocadas pela versão de Schaffner, e plasticamente é um objecto radicalmente diferente. Os dois filmes podem coexistir sem contradição nem choque, um não se substitui ao outro (pense-se o que se pensar, e goste-se o que se gostar, de cada um deles).

Deixemos de lado, portanto, a versão Burton. Concentrando-nos no filme de 1968, uma das primeiras coisas que salta à vista é o quanto ele corresponde a preocupações da época, num eco que terá sido determinante sobretudo no que diz respeito à definição do romance de Pierre Boulle que lhe serviu de base. O romance foi publicado em 1963, ou seja, no ano seguinte ao da crise dos mísseis de Cuba, quando o termómetro da Guerra Fria subiu para alturas nunca vistas – e o mundo começou a ter que lidar com o fantasma de uma auto-

aniquilação sempre iminente. Kubrick, com **Dr. Strangelove**, satirizou esse medo, Boullé avisou. E o filme de Schaffner, sobretudo com o achado (uma daquelas ideias visuais que por si mesmas fazem um plano) da cena final, reiterou esse aviso.

Reiterou o aviso e, o que aparece como faceta muito interessante do filme, fez o julgamento dos responsáveis por essa aniquilação, que no filme aconteceu 1200 anos antes e “cá fora” se temia (se teme?) como uma inevitabilidade. Na pessoa da personagem de Charlton Heston, o julgamento que os macacos fazem é, literalmente, um julgamento do Homem e da Humanidade – como se o aparecimento de Heston, “o último dos homens”, propiciasse, finalmente, o ajuste de contas. Mas nas cenas finais, quando se percebe o porquê da animosidade que os macacos dedicam aos humanos, tudo o que fora o olhar do filme sobre uns e outros encontra cambiantes decisivas, e a própria relação maniqueísta que o filme tecera se torna menos definida. O que acontece, essencialmente, quando é lida uma passagem das “escrituras” dos macacos que faz do Homem um instrumento do Diabo: Heston reconhece a justeza das afirmações nela contidas, fica pela primeira vez no filme sem resposta, e o seu silêncio prepara, afinal de contas, o terreno para o tal, e famosíssimo, derradeiro plano. **Planet of the Apes** pretendia-se um filme para despertar consciências, um filme que conseguisse criar um ponto de vista exterior ao da própria humanidade para que ela melhor se pudesse ver a si própria – um “programa” simultaneamente filosófico e político com um interligação muito estreita com o seu tempo, e provavelmente uma das razões por que o “remake” de Burton teve que se seguir por caminhos e preocupações bastante diferentes (e se transformou num filme sobre o fanatismo e a intolerância, religiosa e política, e numa fábula shakespeariana sobre o poder e as paixões).

De certa forma essa dimensão sobrepõe-se a todas as outras, como se **Planet of the Apes** quisesse ser, antes do mais, um “filme de tese”. A história de como o homem super sofisticado do princípio do filme se vê condenado, no fim, a um regresso à estaca zero, sem lugar habitável. Agora é a vez de outros, o homem teve a sua oportunidade e desperdiçou-a. Apesar de tudo, é duvidoso que o “grito” de **Planet of the Apes** tenha perdido, por completo, a sua validade.

Luís Miguel Oliveira